

179).—(Em nota: *zuar*, vocabulo arabe que significa «ceira, alcofa». Veja-se Dozy, *Glossaire*).

**zarzagania:** ... e hũa aljubeta de zarzaganya que se comprou a francisco pantoja ... (*Cartas* de Alb.<sup>o</sup>, vi, 449).

**zarzagania:** ... e a Fernão Caldeira deu oútro [cavalo] e um vestido de zarzagania, que ele emprestava no jogo das canas ... (*An. de Arzila*, I, 470).—... e um vestido todo de zarzagania, que é ãa seda lavrada de vermelho e branco, á maneira de torna-sol. (*Id.*, II, 75).

**zarzagitania:** *Vid.* Capilhar.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

### Ara de Venus

Em carta de 4 de Abril de 1929 disse-me o meu amigo S.<sup>or</sup> Joaquim de Castro Lopo, de Valpaços, pessoa muito estudiosa, e já conhecida dos leitores do *Archeologo*, que em Chaves apparecêra em 2 do mesmo mês, junto da Igreja matriz, uma pedra romana com uma inscrição de que me mandou cópia. Escrevi em seguida ao meu antigo condiscipulo D.<sup>or</sup> Arnaldo Torres, de Chaves, pedindo-lhe que fizesse esforços para me obter a pedra para o Museu Etnologico: ele respondeu-me que a pedra estava em poder da Camara Municipal, e que esta tencionava reservá-la para um museu local que ia fundar. Lá se me foram, pois, as esperanças de adquirir a pedra para Belem! Ao menos ela ficará tambem excelentemente num Museu flaviense, visto que Chaves, como correspondente a uma antiga cidade romana, é centro de importante região arqueologica e etnografica. Ao mesmo tempo o meu bondoso condiscipulo Torres enviou-me uma fotografia que reproduzo na figura junta.

A pedra é de granito, e mede de altura, segundo me informou o S.<sup>or</sup> Lopo, 0<sup>m</sup>,90. A fotografia dispensa descripção, basta acrescentar que a pedra tem o aspecto geral de um templo, e mais particularmente se representa na parte superior d'ela, ou frontão, uma edicula em guisa de timpano.

Leitura da inscrição:

Linha 1.<sup>a</sup>: *Veneri*.

Linha 2.<sup>a</sup>: *victrici*, com o I incluso no C.

Linha 3.<sup>a</sup>: LA *ex vi(su)*, com uma *hedera distinguens* depois do A, e um ponto depois do X.

Linha 4.<sup>a</sup>: *ar(am) p(osuit)*, com um ponto entre estas duas palavras.

As duas primeiras letras da linha 3.<sup>a</sup> representam, quanto a mim, o comêço ou as iniciais do nome do dedicante, sem que possamos adivinhá-lo. Ha tantos nomes, romanos ou barbaros, começados por *La-*! Tambem podia admitir-se que LA significava *L(ucius)* seguido de um nome ou cognome que principiasse por A; mas a simetria com que está escrita toda a inscrição faz-me pender mais para a primeira hipotese que para a segunda. É rara a inscrição, como eu já disse algures, que não apresente uma dificuldade, ou não traga um ensinamento.

Prefiro explicar LA como nome a explicar estas letras como abreviatura da frequente fórmula *l(ibens) a(nimo)*. Com effeito, se tivéssemos aí *libens animo*, deixava de haver nome de dedicante na inscrição, e então as últimas letras significariam *a(ra) p(osita)*. Embora isto não fôsse coisa insolita, parece-me que a verdadeira interpretação é a que acima dei: leva-me a isso o teor do texto, e a consideração da simetria de que já falei.

O adjectivo *victrici* é corrente epíteto de Venus, invocada em dativo na 1.<sup>a</sup> linha: cf. *Religiões da Lusitania*, III, 280. A fórmula *ex visu* significa: «segundo um sonho» que o dedicante teve para oferecer esta ara a Venus: cf. a mesma obra, II, 142. Chamar-se na inscrição *ara* ao monumento em que aquella está gravada mostra que a palavra *ara* na epigrafiá nem sempre, como todos sabem,



tinha a significação precisa de «altar de sacrificio», mas podia significar, como aqui, apenas um cipo.

Em resumo: *La- dedica esta ara a Venus Vencedora, por efeito de um sonho.*

J. L. DE V.

### A inscrição da tomada de Lisboa na Sé Catedral

Quem transpõe o grande arco do pórtico principal da velha Sé olisiponense encontra, nas paredes laterais, duas inscrições com os mesmos dizeres, por uma ser cópia da outra, e ambas duma terceira que o tempo ou os desmoronamentos fizeram desaparecer. A da direita, circundada por uma estreita cercadura românica, é composta com antigos caracteres monacais; a da esquerda, alguns séculos posterior, está escrita com pequenos caracteres latinos.

À parte as abreviaturas, muito mais numerosas na primeira, diferem entre si estas duas inscrições na terminação da última palavra da segunda linha, na da terceira palavra da terceira linha, na transposição das segunda, terceira, quarta e quinta palavras da quarta linha e ainda na terminação da última palavra dessa linha.

Quem tenha sido o Prelado que quis conservar na mais antiga destas lápidas a memória do facto que uma outra anteriormente esculpida já mal podia recordar, não será porventura de fácil averiguação.

João Pedro Ribeiro diz<sup>1</sup> que ela não deve ultrapassar o reinado de Afonso III, e o autor dos *Quadros Históricos*, embora algum tanto por palpite, atribui-a com bastante probabilidade à época de Afonso IV<sup>2</sup>, opinião de que o autor da *Lisboa Antiga* discorda, sem contudo nos dizer porquê.

Em verdade aquela inscrição, inteiramente composta com caracteres unciais, não deve ser anterior a D. Denis. O facto de ser escrita em latim não é razão suficiente para a collocarmos em época mais recuada, pois devemos ter em atenção que é cópia duma outra mais antiga. Os primeiros textos epigráficos portugueses que conheço, completamente escritos com aqueles caracteres, são dos últimos anos do século XIII. Até então os caracteres visigóticos

<sup>1</sup> *Dissertações Chronologicas*, vol. II, dissert. VI, p. 14, nota.

<sup>2</sup> *A Tomada de Lisboa*, nota.